



**CCB**

**AS LÁGRIMAS DE SALADINO**  
RUI HORTA\_ARTISTA ASSOCIADO DO CCB 2009/2010

# AS LÁGRIMAS DE SALADINO

RUI HORTA\_ARTISTA ASSOCIADO

5/6 Março '10  
Grande Auditório 21h

DIRECÇÃO | ESPAÇO CÉNICO | DESENHO DE LUZ **RUI HORTA**  
COREOGRAFIA **RUI HORTA E TODOS OS INTÉRPRETES**  
MÚSICA ORIGINAL E DIRECÇÃO MUSICAL **JOÃO LUCAS**  
INTÉRPRETES **GILLES BARON / KATARZYNA SITARZ  
MARCUS BALDEMAR / MILÁN ÚJVÁRI  
NOEMÍ VIANA GARCÍA / VÍT BARTÁK / SILVIA BERTONCELLI**  
TEXTOS **RUI HORTA E TIAGO RODRIGUES**  
MÚSICOS **PAULO TEMEROSO / SOPROS E ELECTRÓNICA  
ANTHONY WHEELDON / GUITARRA E ELECTRÓNICA  
MARCOSANTOS / PERCUSSÃO E ELECTRÓNICA  
DJ RIDE / TURN-TABLE E ELECTRÓNICA  
JOÃO LUCAS / PIANO E ELECTRÓNICA**  
BANDA FILARMÓNICA  
**BANDA DA SOCIEDADE CARLISTA / MONTEMOR-O-NOVO**  
APOIO DRAMATÚRGICO **TIAGO RODRIGUES**  
ASSISTENTE DO COREÓGRAFO **ANABELLE BONNERY**  
PROFESSORES CONVIDADOS **JÁCOME FILIPE  
TERESA RANIERI / GUILLERMO WEICKERT**  
DIRECÇÃO TÉCNICA **NUNO BORDA DE ÁGUA**  
APOIO TÉCNICO **ANTÓNIO PEDRO COSTA**  
DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO **ANA CARINA PAULINO**  
FOTOGRAFIAS **TIAGO COELHO**

+ 12 anos

CO-PRODUÇÃO **CENTRO CULTURAL DE BELÉM / O ESPAÇO DO TEMPO / CENTRO CULTURAL VILA FLOR  
GUIMARÃES / TEATRO NACIONAL S. JOÃO | PORTO / TEMPO – TEATRO MUNICIPAL DE PORTIMÃO  
CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO**

O ESPAÇO DO TEMPO É UMA ESTRUTURA SUBVENCIONADA PELO MINISTÉRIO DA CULTURA E DGARTES.

## Nos últimos dez anos

as minhas criações foram quase sempre em espaços íntimos, de geometria variável, orientados para “desorientar” o espectador. Nestes dispositivos de percepção, o espectador foi o texto e o contexto das obras, assumindo frequentemente um papel transformador das mesmas.

Investir no Grande Auditório do CCB, confrontar-se com o seu formalismo e peso institucional, é aceitar uma dolorosa contradição: o desafio impossível de reinventar a percepção num contexto tradicional intérprete/espectador. Mesmo que o território da criação artística não pertença ao espaço da política, criar neste contexto tem um peso que é inclusivamente político.

E, mais do que nunca, num tempo de ausência de valores e de um vazio ético assustador, como não traduzir esta equação numa obra de grupo?... Falemos então disso mesmo.

*As Lágrimas de Saladino* nasceram da leitura do magnífico livro de Amin Maalouf *As cruzadas vistas pelos árabes*, e particularmente da inspiração que ainda hoje perdura do papel de Saladino que, às portas de Jerusalém e após quase cem anos de sangrenta ocupação cristã das terras do Próximo Oriente, decide poupar a cidade, os seus habitantes e suas diferentes raças, crenças e religiões.

Logo na página inicial de *No Castelo do Barba Azul*, George Steiner escreve “Não é o passado literal que nos governa, excepto, talvez, numa acepção biológica. São as imagens do passado: com frequência tão intensamente estruturadas e tão imperativas como os mitos. As imagens e as construções simbólicas do passado encontram-se impressas, quase à maneira de impressões genéticas, na nossa sensibilidade. Cada época histórica contempla-se no quadro e na mitologia activa do seu próprio passado ou de um passado tomado de empréstimo a outras culturas. Põe assim à prova a sua identidade, as suas regressões ou as suas realizações, confrontando-se com esse passado”. Na realidade, o que Saladino salva é uma “cidade sem modelo” tão avançada

para o seu tempo, que nem mesmo hoje conseguimos encontrar. Não tanto a questão de aceitar um multiculturalismo de contornos politicamente correctos, mas sim de aceitar o outro, como uma aventura estruturante, aquele que nos revela a nossa própria identidade e que cruza inexoravelmente a nossa pele protectora. Salva uma cidade que não é a polis ateniense, ou um modelo renascentista ou mesmo um modelo urbanístico mais ou menos perfeito de uma grande utopia da arquitectura do século XX. O que ele salva é uma cidade não planificada segundo um modelo, mas reinventada a cada instante pelos homens e mulheres que a habitam, um lugar sem ordem preestabelecida onde o caos é aceite como a seiva que corre nas ruas aparentemente anárquicas de uma colmeia vibrante. Uma ordem sem ordem, uma inteligência emocional e social baseada na comunicação sem receios, uma aventura de inúmeras religiões, raças, línguas, cheiros e sabores que se cruzam numa gastronomia única e irrepetível. As cidades são, de facto, o território sem fronteiras que estamos condenados a habitar. Agarremo-nos então a esta profunda construção mental de um passado simbólico perfeito, de um paraíso perdido que, ainda nas palavras de Steiner, sempre nos governa e condiciona, e tentemos, ao menos, reflectir sobre a possibilidade de uma outra comunicação, de uma outra ética sem moral supressora, de uma outra estética sem modelos preestabelecidos.

*As Lágrimas de Saladino* são a segunda obra de um tríptico em que decidi investir ao longo deste ano como artista associado ao Centro Cultural de Belém. Trilogia esta que declina a problemática da comunicação em três níveis distintos: a comunicação com o outro signifiante, o território do amor (*Talk Show*), a comunicação consigo mesmo na construção da identidade (*Local Geographic*) e a comunicação com os outros, numa saturação desse mesmo outro que condiciona cada passo da nossa existência, num mundo de hiper-comunicação onde a possibilidade de real encontro está ironicamente ausente (*As Lágrimas de Saladino*).

E nesta Babel, onde as línguas se confundem, que melhores ferramentas de comunicação encontrar senão as do corpo e da música? Territórios a um tempo arcaicos e sofisticados, depositários da história das nossas culturas, “by-passes” do cognitivo conectando directamente às nossas almas.

E, claro, música. Música ao vivo feita de outras tantas músicas, num palimpsesto de emoções e de imperativos que desafiam uma lógica de construção mental. E, por isso mesmo, uma banda filarmónica local pujante na sua autenticidade, em diálogo com um grupo de músicos e de intérpretes do corpo, à procura de um espaço simbiótico e selvagem. Uma narrativa sem narrativa guiada pelo sentir, pelo vibrar das notas e pelo fluir dos corpos. **Rui Horta**

## As Lágrimas de Saladino

**Mais tarde ou mais cedo, o vento voltará a soprar. E voarão casas, árvores e os corpos dos mais leves e incautos. Voaão em estilhaços os nossos sonhos, bem como as portas que deixarão os nossos celeiros vazios. Depois, voltará a calma e o único ruído que se ouvirá será a dança das moscas. Vai custar a perceber por que é que tanta coisa que amávamos desapareceu sem deixar rasto.**

**Quando o aleatório das intempéries passa para o controlo dos homens, há tempestades tais que eclipsam o Sol para sempre e varrem tudo da face da Terra, mesmo as plantas mais agrestes. No entanto, alguns (poucos) homens souberam usar esse poder das tempestades.**

**“Saladino entrou em Jerusalém numa sexta-feira, 2 de Outubro de 1187 (o 27 do rajabe, do ano 583 da Hégira), no próprio dia em que os muçulmanos festejavam a viagem nocturna do Profeta a Jerusalém. Entrou em Jerusalém e, após 91 anos de sangrenta ocupação pelos combatentes cristãos do Ocidente, dá ordem aos seus emires e soldados para pouparem a população, evitar a pilhagem e o massacre, guardando os lugares de culto e anunciando que todos aí poderão rezar quando o desejarem. Ele próprio passa de um santuário a outro, chorando, rezando e prosternando-se, num acto de compaixão sem precedentes na história da humanidade.” Amin Maalouf**

***As Lágrimas de Saladino* é sobre ética e compaixão, mas exercita um cuidado com as ratoeiras politicamente correctas que já não servem para esconder o rabo do gato atrás das belas palavras: os homens só têm graça se forem selvagens e indómitos, mesmo quando dizem que sim.**

Rui Horta

## Duas cidades

por Tiago Rodrigues

Saladino escolhe poupar Jerusalém quando o evidente seria obedecer ao ímpeto de destruição. Saladino é um guerreiro, sanguinário por vezes, que se move por convicções e interesses. É um homem de poder de quem ninguém espera este imenso gesto de compaixão com o qual nada tem a ganhar. Em Jerusalém, tanto o exército que monta o cerco, como as vítimas anunciadas dentro de portas consideram o massacre inevitável. Encaram-no como um movimento natural da História. No entanto, Saladino entra na cidade, passeia-se pelas suas ruas, visita os locais sagrados e chora. Decide poupar Jerusalém. Ninguém lhe pediu que salvasse a cidade: ele escolheu fazê-lo, adormecendo o poder da tempestade.

**As Lágrimas de Saladino** surge no reino do plausível, que é o melhor dos territórios a explorar na História. É plausível que as lágrimas de Saladino se devam ao peso esmagador do tumulto humano da metrópole, da beleza do caos. É plausível que o general muçulmano sentisse que nenhuma ideia de cidade, nenhum plano ou projecto, seriam tão perfeitos como aquele colorido sujo, aquela polifonia agreste e aquelas coreografias irrepetíveis espontaneamente geradas. O que Saladino poupa é a selva da cidade, desregrada e profundamente humana, quando renuncia à violência que permitiria fazer tábua rasa, limpar o lixo das ruas e inventar de raiz a Jerusalém ideal. As lágrimas estão presentes porque esta mudança de paradigma se opera no plano das emoções. A energia vibrante da metrópole é mais perfeita que qualquer utopia porque é feita do combate incessante entre uma promessa de cidade e a cidade real. **As Lágrimas de Saladino** contém esse conflito entre a cidade clás-

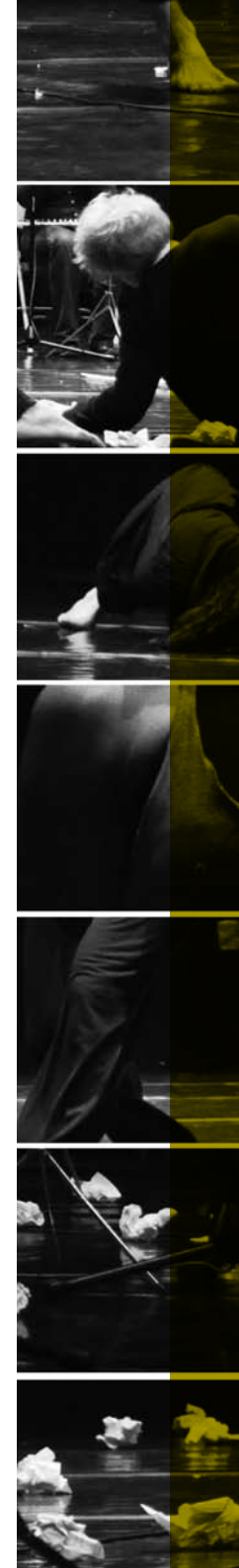
sica, ordenada e racional, e a metrópole contemporânea, essa nuvem incontrolável gerada na mistura de pessoas, vidas, costumes, línguas e sensações. Acima de tudo, porque é nesse conflito entre as duas cidades que existimos realmente e podemos dizer “nós” sem deixar de ser um indomável “eu”. Esta obra de Rui Horta vasculha na memória de Saladino, para encontrar hoje, entre a amálgama de bailarinos e músicos que povoam o palco, uma cidade efémera, esses instantes de humanidade que fizeram chorar o general muçulmano.

Em **As Lágrimas de Saladino** misturam-se sete línguas em unísono num monólogo colectivo como metáfora do engano em que caímos com o excesso de palavras. O que fica para além do significado daquelas línguas são os gestos e as emoções universais como uma música gerada pela entoação rítmica do aglomerado de palavras. A música e o corpo são o que nos resta para nos fazermos entender? Seja como for, a arte e a cultura surgem como pilares para uma outra ética e compaixão. Tocado pela beleza de Jerusalém, Saladino chora e decide não destruir a cidade. Uma vez mais, no universo criativo de Rui Horta, somos confrontados com metáforas estruturantes da condição humana: a vida como viagem, o corpo como território, o amor como guerra, os homens como animais ou a incomunicação como violência. Nesta obra perturba-nos a dor que a dificuldade de comunicação nos causa e o poder coercivo da sociedade instalada sobre o que há de mais genuíno e libertador nos homens. E se no trabalho de Rui Horta resta sempre a esperança, desta vez ela não é utópica e aqueles a quem sempre é retirada a palavra conseguirão finalmente falar.

Carla Fernandes

**RUI HORTA** Nascido em Lisboa, Rui Horta começou a dançar aos 17 anos nos cursos do Ballet Gulbenkian. Estudou, ensinou e foi intérprete em Nova Iorque durante vários anos, após os quais regressou a Portugal, onde dirigiu a Companhia de Dança de Lisboa, sendo um dos principais agentes no desenvolvimento de uma nova geração de bailarinos e coreógrafos portugueses. Mais tarde, criou *Linha* e *Interiores*. Com estas duas obras, efectuou as suas primeiras digressões pela Europa. Foi então convidado a fundar a S.O.A.P., no Künstlerhaus Mousonturm, em Frankfurt. Com a S.O.A.P. criou seis programas, que estiveram em digressão por todo o mundo, em alguns dos mais importantes festivais e teatros, tais como: *Steps*, em Zurique; *The Turning World* no Place Theater, Festival International de Nouvelle Danse, *Dancin' City*, em Copenhaga; International Theater Festival, em Tóquio; *Tanz im August*, em Berlim; *Vooruit*, em Gent, Bélgica; *The Joyce Theater*, em Nova Iorque; *Harbourfront Centre*, em Toronto; *Moskojew Theater*, em Moscovo; *Maison de la Danse*, Lyon; bem como no Théâtre de la Ville em Paris que co-produziu o seu trabalho ao longo de uma década. Rui Horta ganhou, em 1992, o primeiro prémio nos Rencontres Chorégraphiques Internationales de Bagnolet e o Bonnie Bird Award, tendo ainda recebido inúmeros prémios atribuídos pela imprensa. Colaborou regularmente com o Goethe-Institut em projectos internacionais, tais como *workshops* em desenho de luz em Budapeste e cursos de coreografia em Moscovo, Madrid, Gent, São Salvador da Bahia, etc. Dirigiu vários projectos de formação avançada, tais como o SiWiC, em Zurique, The Coaching Project 2000, em Düsseldorf, e o COLINA. Foi professor convidado em algumas das mais importantes escolas de dança, tais como o Laban Dance Centre, o Conservatoire National de Paris, o Conservatoire National de Lyon, a London School of Contemporary Dance, o Steps e a Perridance em Nova Iorque. Em 1997, encenou *The Rakes Progress*, ópera de Stravinsky, no Theater Basel, tendo ainda sido responsável pelo seu desenho de luz e cenografia. Desde 1998 até 2000, Rui Horta trabalhou em Munique, como coreógrafo residente, no Muffathalle. Para este novo projecto criou, *Bones & Oceans*, e duas novas produções colectivas, *Zeitraum* e *Blindspot*. Em 1999 recebeu o Germans Producers Prize, atribuído de dois em dois anos por um júri de 14 directores de teatro para premiar trabalhos notáveis da cena independente de dança alemã. Em Agosto de 2000, regressou a Portugal (Montemor-o-Novo), onde estabeleceu um centro multidisciplinar de pesquisa e criação, O Espaço do Tempo. Em 2001 dirigiu o filme *Rugas*, e recebeu o Prémio ACARTE, com a obra *PIXEL*. Em 2003 co-encenou *Olakala* com a Companhia de Novo Circo francesa Les Arts Sauts. Criou obras para inúmeras companhias de renome, tais como o Cullberg Ballet, Ballet Gulbenkian, Nederlands Danstheater, Opéra de Marseille, Ballet du Grand Théâtre de Genève, Icelandic Ballet, Scottish Dance Theatre, entre outros. Em 2005 ganhou o Prémio Almada do Ministério da Cultura. Em 2006, em conjunto com João Paulo Santos, encenou a obra de novo circo *Contigo*. Nos últimos anos criou *SETUP* e *SCOPE*, obras que circularam intensamente em toda a Europa. Em Junho de 2008 foi decorado com a Cruz de Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, e em Janeiro de 2009 estreou *Zoetrope* no TeCa - Porto, obra que resulta da colaboração com a banda Micro Audio Waves e que se encontra actualmente em digressão. Durante a temporada de 2009/2010 é Artista Associado ao Centro Cultural de Belém - Lisboa, onde estreará três novas obras. Ainda em 2010 criará uma obra na Ópera de Gotenburgo/Suécia e encenará na Culturgest a nova ópera do compositor Luís Tinoco.

**TIAGO RODRIGUES** Actor, dramaturgo e encenador. Desde 1998, trabalha regularmente com a companhia belga tg STAN. É director artístico do Mundo Perfeito, estrutura criada em 2003, na qual produziu mais de quinze espectáculos que foram apresentados em cerca de dez países. Dirige os ESTÚDIOS, encontro anual de criação entre artistas portugueses e estrangeiros em Lisboa, no Teatro Maria Matos. Desde 2004, é professor convidado na escola de dança contemporânea PARTS, em Bruxelas, tendo também ensinado em várias escolas de artes portuguesas. Trabalhou como argumentista e actor em cinema e televisão e foi cronista de diversos jornais portugueses.



## INTÉRPRETES GILLES BARON

Estudou na CNR de Bordéus e em Nova Iorque no Estúdio José Limon. Ganhou o primeiro prémio do Concurso Internacional de Dança de Paris. Dançou em várias companhias: Ballets Rheda / Cie Pierre Doussaint / Ballet théâtre Joseph Russillo/ Cie Yvann Alexandre / Cie Serge Ricci / Cie Thomas Duchatelet / Cie Rainer Behr (Alemanha) / Cie Alias (Suíça). Conjuntamente com o seu trabalho como intérprete, desenvolveu uma abordagem coreográfica que combina teatro, dança e circo.

## KATARZYNA SITARZ

Nasceu na Polónia, Szczecin, onde ainda muito jovem ingressou na Opera City Theater. Prosseguiu os seus estudos de dança na Holanda, na Rotterdam Dance Academy. Paralelamente criou um solo que foi em digressão pela Holanda, Alemanha, Hungria e Polónia, recebendo vários prémios como o 11.º International Solo-Dance-Theater Festival em Estugarda e 8.º Solo Dance International Festival em Budapeste. Foi bolseira, através do Ministério da Cultura e Educação, na Holanda e Polónia. Como bailarina, trabalhou, entre outros, com Jens van Daele, Dylan Newcomb, Michael Schumacher, Andre Gingras, Leine & Roebana, e recentemente em Vilnius, Lituânia, para o International Multidisciplinary Project da Capital Europeia da Cultura 2009.

## MARCUS BALDEMAR

Nasceu em 1985 em Kiruna, Suécia. Estudou em Balettakademien Umeå na Suécia, na SEAD (Salzburg Experimental Academy of Dance) na Áustria e na P.A.R.T.S. em Bruxelas. Depois de acabar os estudos, em 2008, trabalhou com David Zambrano, Martin Forsberg e Andros Zins-Browne, entre outros. Participou também em diversos projectos e *workshops* por toda a Europa. Foi escolhido para participar em Solo Performance Commissioning Project iniciado por Deborah Hay.

## MILAN ÚJVÁRI

Bailarino e artista visual húngaro, nasceu em 1985 e formou-se na Hungarian Dance Academy (HDA) em 2005. Dançou em várias companhias, como: Cirque du Soleil, Delirium (2007-2008), Mu Terminal (2006-2007), Compagnie Pal Frenak (2005-2006), e trabalhou com as companhias de teatro: Krétakör Theater e Hungarian National Theater. Interessado em arte contemporânea, artes marciais e desportos de combate, pratica Capoeira e Jiu-Jitsu. Participou na III Competition of Choreographers of HDA e na Noverre Foundation em 2004 (Grand Prix), New York Youth American Grand Prix em 2004, e Portoroz World Chamionship na Eslovénia, Disco Dance Solo em 2000 onde foi premiado com a medalha de ouro. Coreografou ainda: *utzja[tnz]* (dancefilm) em 2007, *Morning Bell* em 2004 e *Piaf* em 2002.

## NOEMÍ VIANA

É originária de Vitoria-Gasteiz, País Basco. Praticou ginástica rítmica durante vários anos, tendo-se formado depois a nível superior como professora de Educação Física e Psicopedagogia. Formou-se como bailarina na London Contemporary Dance School, The Place (Londres), integrando a sua companhia Edge08. Trabalhou em diversos projectos com os coreógrafos Asier Zabaleta (Ertza Dantza), Menelva Harris (Gelede Dance), Pedro Pires (Codigo Dance Project), e como coreógrafa no IV Festival Muuval Ccollective no México.

## VÍT BARTÁK

Depois de acabar os seus estudos em dança em Praga, trabalhou com várias companhias de dança europeias, como German Tanztheater em Oldenburg, Osnabrueck, Norrdans na Suécia e Tanztheater St. Gallen na Suíça.

## SILVIA BERTONCELLI

Estudou bailado e dança contemporânea em Verona, Bruxelas e Paris. Em 2002 ingressou na Academy Isola Danza em Veneza, dirigida por Carolyn Carlson. Dançou em várias companhias: Compagnia Naturalis Labor, Compagnia Ersiliadanza, Compagnia Arearea, Compagnia Lubbert Das, Cie Blicke, Compagnia Abbondanza Bertoni. Desde 2003 apresenta o seu trabalho como coreógrafa e bailarina, ganhando prémios internacionais como: Festival Percorsi d'Autore em Veneza e o Concurso Coreográfico de Rovereto durante o Festival Oriente Occidente.

## MÚSICOS PAULO JORGE ALMEIDA TEMEROSO

Estudou no Conservatório Regional de Gaia e na Escola de Jazz do Hot Clube. É licenciado em Clarinete pela Escola Superior de Música de Lisboa e em Saxofone Jazz pelo Koninklijk Conservatorium (Haia, Holanda). Foi bolseiro ERASMUS no CNSM de Lyon. Integrou a Banda da Armada Portuguesa, a Orquestra Sinfónica Juvenil, o ensemble contemporâneo OrchestrUtopica e colaborou com a Orquestra das Beiras. Actuou no espectáculo *DAN'DAU* (Companhia de Dança Clara Andermatt), na peça de teatro *Novas Anatomias* (enc. Fernanda Lapa, Teatro Taborada) e na ópera *Nefertiti* (José J. Lopes, Teatro da Trindade). Paralelamente, leccionou Educação Musical e dirigiu as Bandas de Música de Montargil e Meia-via. Participou na digressão holandesa dos musicais *CATS* (2007), *EVITA* (2008) e em vários concertos e gravações com artistas portugueses e espanhóis.

## DJ RIDE

Ride é um talento emergente da música urbana portuguesa, um dos produtores e DJ mais solicitados, com distintas colaborações e edições em nome próprio. Tudo começou com os campeonatos de DJ/Scratch que ganhou (duplo campeão nacional, pelo reputado DMC e ITF, assim como um assinalável 3.º lugar no campeonato do mundo de DJ, em 2008), com o seu CD de estreia, *Turntable Food*, e o primeiro vinil de *scratch* português em conjunto com a Red Bull Home Groove (180GR). Lançou também o EP *BEAT JOURNEY* pela OPTIMUS DISCOS, e *Psychedelic Sound Waves*, que junta a electrónica actual com *funk*, *scratch* e *dubstep*. Ride é também o *designer* de som do programa de rádio Gíngua Beat da RBMA (Antena3), e um colaborador assíduo da Red Bull Music Academy portuguesa. Já actuou de norte a sul do país com variados projectos e formações, desde Rocky Marsiano, Kika Santos, Coldfinger, João Lucas, Rodrigo Amado, André Fernandes, CoolHipnoise, Slimmy e Micro Audio Waves. Desde que começou, em 2002, já tocou no Transmusicales Rennes, Notting Hill Arts Club, Lux, CCB, Gulbenkian, Culturegest, Casa da Música, Festival Sudoeste, Optimus Alive, Aula Magna, EuroCultured/Manchester, Music Box, entre outros locais de referência.

## JOÃO LUCAS

Iniciou os estudos musicais aos oito anos, diplomando-se com alta classificação no curso superior de piano do Conservatório Nacional. Estudou jazz no Hot Club de Lisboa e composição na Escola Superior de Música de Lisboa. A sua eclética actividade reparte-se entre a composição para artes performativas, a música improvisada (como pianista) e a música popular (como arranjador e director musical). No âmbito da composição de música de cena tem colaborado com alguns dos mais importantes criadores de teatro e de dança contemporânea em Portugal, tendo participado como compositor em mais de cinquenta peças. No âmbito da música improvisada integrou o grupo Xis, dirigido pelo guitarrista José Peixoto, e o trio Belajam, com Carlos Zingaro e José Condeixa, mantendo uma actividade regular como pianista em sessões de improvisação com muitos músicos desta área. No âmbito da música popular assinou a produção e a direcção musical de vários discos de autores portugueses: Sérgio Godinho, João Afonso, Luís Pastor, Fausto e Vitorino, além de ter integrado as respectivas bandas em espectáculos ao vivo em Portugal e no estrangeiro. Editou em nome próprio o disco *Abstract Mechanics*, considerado pela revista *Jazz.pt* como um dos melhores discos nacionais editados em 2009.

## ANTHONY JOHN

Nasceu em Inglaterra em 1970. Guitarrista e DJ profissional. Tem licenciatura em jazz da Middlesex University (Londres, 2000/2003). Nos anos 90 integrou a banda de jazz e *funk* chamada Progress, que actuou com muitos DJ de prestígio (Reino Unido e EUA), tocou com o grupo State of Grace e trabalhou como DJ. Vive em Portugal desde 2002, onde dirige a banda *funk* Mister Lizard, ensina guitarra em escolas de música e colabora em projectos de música e dança de outros profissionais, nomeadamente Rocky Marsiano, João Lucas, Aldara Bizarro e Clara Andermatt.

#### CCB CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ANTÓNIO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE]

ANA ISABEL TRIGO MORAIS [VOGAL]

MARGARIDA VEIGA [VOGAL]

ASSESSORA PARA A PROGRAMAÇÃO

GABRIELA CERQUEIRA

#### CENTRO DE ESPECTÁCULOS

DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS

MIGUEL LEAL COELHO

ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO

LÚISA TAVEIRA

ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO

CLÁUDIA BELCHIOR

ASSESSORES PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL

JOÃO GODINHO | FRANCISCO SASSETTI .

ASSISTENTE DE PROGRAMAÇÃO RITA BAGORRO

SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÊS

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ .

PRODUÇÃO INÊS CORREIA

PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ | INÊS LOPES |

VERA ROSA | JOÃO MARTINS

DIRECTOR DE CENA COORDENADOR

JONAS OMBERG

DIRECTORES DE CENA

PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA

PAULA FONSECA | JOSÉ VALÉRIO

ESTAGIÁRIA FRANCISCA RODRIGUES

SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA

YOLANDA SEARA

DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA

CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO

SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA

SOFIA MATOS

TÉCNICOS PRINCIPAIS PEDRO CAMPOS

LUIÍS SANTOS | RAUL SEGURO

TÉCNICOS EXECUTIVOS ARTUR BRANDÃO

F. CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR PINTO

CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES

HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA

RICARDO MELO | RUI CROCA

CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS

NUNO GRÁCIO

TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO

EDUARDO NASCIMENTO | LUIS GARCIA SANTOS

| NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO

NUNO RAMOS

CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO

SIAMANTO ISMAILY

TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO

JOÃO SANTANA | LUIÍS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA

**MARCO SANTOS** Natural de Pombal, iniciou os seus estudos musicais aos nove anos na Banda Filarmónica do Catujal, ingressando mais tarde no Conservatório Nacional de Música de Lisboa e no Hot Clube Portugal onde estudou bateria de jazz. Após dois anos ingressa na Escola Superior de Música de Lisboa onde finalizou a licenciatura em Percussão Clássica em 2007. Tem sido convidado a integrar, como reforço em diversas orquestras, participações em vários eventos de âmbitos diferentes - música, dança, teatro, cinema – apresentando-se a nível nacional e internacional com grandes nomes do panorama musical e artístico. Desde Novembro de 2007 está a estudar no Royal Conservatoire de Den Haag (Holanda). Bem sucedido, tem tocado com vários músicos internacionais e em diversos projectos de diferentes estilos e contextos musicais.

**SOCIEDADE ANTIGA FILARMÓNICA MONTEMORENSE “CARLISTA”** É oriunda de um grupo de jovens filarmónicos montemorenses que teria sido organizado na primeira metade do século XIX, em 1830, sob a regência de Carlos Simões. A falta de estradas e transportes, o isolamento da vila e as muitas festas nela realizadas, foram os factores preponderantes para que o referido grupo se organizasse. Conhecido simplesmente pelo grupo do Mestre Carlos, foi progredindo até que, a 30 de Junho de 1861, vários elementos de posição social privilegiada acharam oportuno fazer do grupo uma sociedade. E é assim que ela passa a ficar denominada - Antiga Sociedade Filarmónica, a “Carlista”. Oficialmente a Sociedade, que arrasta consigo a tradição de antiga proveniente da antiguidade do grupo filarmónico, entra na sua efectivação a 21 de Abril de 1862, que é a data da carta régia que aprova o seu primeiro estatuto. Presentemente, a Banda apresenta-se com uma formação de 46 elementos, com uma baixa média de idades, muito graças à sua escola de música, e encontra-se sob a regência do maestro Sérgio Frazão desde Outubro de 2002.

#### COMPOSIÇÃO DA SOCIEDADE ANTIGA FILARMÓNICA MONTEMORENSE

ANA FIRME / ANA MARIA BARREIROS / ANA RITA BARREIROS / ANDRÉ BANHA / ANDRÉ CABICA / ANTÓNIO MANUEL BARREIROS / ANTÓNIO CARAPINHA / ANTÓNIO DIAS / BEATRIZ SANTANITA / BRUNO CHAVEIRO / CARLA RODRIGUES (DIRECTORA) / CARLOS SAMPAIO / CARLOS VARELA / CATARINA PIRATA / CRISTINA BARREIROS / CUSTÓDIO QUINTAL / DANIEL FERRER / DAVID MAGRO / DIOGO MATIAS / FILIPE SOTO ARMAS / FRANCISCO CATARRO / JOANA LEBRE / JOANA SANTOS / JOÃO AIBEU / JOÃO BARREIROS / JOÃO CABREIRO / JOÃO LEMOS / JOÃO PAULINO / JORGE LOURENÇO / JORGE NUNES / JOSÉ PEDRO BARREIROS / LUIÍS CASCAÃO / LUIÍS SALGUEIRO / MANUEL CAEIRO (PORTA-ESTANDARTE) / MANUEL CALDEIRA HENRIQUES / MANUEL TAVARES / MÁRCIO NEVES / MARIA JOÃO QUINTAL / NATALINA LOBO / NICOLAU / NUNO TANGANHO / OLÍMPIO GALVÃO / PAULO PRATES / PEDRO BARREIROS / PEDRO PAIS / PEDRO QUINTAL / RUTE JESUS / SÉRGIO FRAZÃO (MAESTRO) / TERESA GALVÃO

TEATRO



CCB

# AS MENINAS DE WILKO

ADAPTAÇÃO E ENCENAÇÃO

Alvis Hermanis

Emilia Romagna Teatro Fondazione

A PARTIR DO ROMANCE DE Jaroslaw Iwaszkiewicz

COREOGRAFIA Alla Sigalova

19\20 Março

Grande Auditório \ 21h \ M/12

Legendado em Português

ESPECTÁCULO INTEGRADO NO PROJECTO PROSPERO  
COM O APOIO DO PROGRAMA DE CULTURA DA UNIÃO EUROPEIA

COORDENAÇÃO DO PROJECTO PROSPERO  
GABRIELA CERQUEIRA

PRODUÇÃO  
EMILIA ROMAGNA TEATRO FONDAZIONE

CO-PRODUÇÃO  
PROSPERO / MERCADANTE TEATRO STABILE DI NAPOLI /  
NUOVA SCENA ARENA DEL SOLE / TEATRO STABILE DI BOLOGNA



WWW.CCB.PT BILHETEIRA ONLINE - TRAGA O SEU BILHETE DE CASA  
DESCONTOS CARTÃO AMIGO CCB